

A França não prevê melhoras nas relações financeiras

362

Qualquer que seja o presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello ou Luís Inácio Lula da Silva, enfrentará sérias dificuldades para a normalização das relações financeiras do Brasil não só com o Clube de Paris, mas também com áreas governamentais e privadas da França. Isso ficou muito claro num seminário fechado para apenas 50 industriais e banqueiros que trabalham com o Brasil, realizado ontem, em Paris, no Hotel Lutetia, pelo grupo **Nord-Sul Consultant** uma empresa de consultoria internacional que trabalha com países em desenvolvimento.

Os empresários franceses, na sua maioria, ficaram um pouco mais céticos com o que ouviram de áreas oficiais francesas, muitos já imaginando novas alternativas, no plano internacional, diante da falta de perspectivas a curto e médio prazos. Isso dá razão, em parte, a especialistas, entre eles o economista Celso Furtado, que afirmam hoje que o Brasil, após o fim da moratória, optou por uma postura de composição, enquanto a comunidade internacional, há muito tempo, optou pela de confrontação.

Entre os participantes do seminário, o secretário do Clube de Paris, Samuel de Lajeneusse, confirmou que com os atrasos atuais junto ao organismo, cerca de 10% das prestações devidas, o Brasil provoca um atrito nas relações internacionais que deverá retardar consideravelmente a reabertura da garantia Coface (Agência Francesa de Seguros de Créditos de Exportação) para novos créditos de exportação.

Não se trata apenas da nova prioridade da França e outros países que integram o Clube de Paris, todos hoje com seus olhos voltados para o Leste europeu, mas também uma disposição de manter as atuais relações com o Brasil em "banho-maria", deixando os industriais e banqueiros presentes convencidos de que uma normalização não é para amanhã.

Dessa forma, ninguém deve esperar que, ultrapassado o período eleitoral, o Brasil possa nor-

malizar rapidamente suas relações com a comunidade financeira europeia. Enquanto essa orientação prevalece para o Brasil, o Clube de Paris e o próprio FMI estão sendo convidados pelos governos de países europeus como França, Alemanha Federal e Grã-Bretanha a acelerar projetos que favoreçam a concessão de créditos para os países em via de democratização no Leste, especialmente Polônia e Hungria.

Segundo um dos banqueiros presentes ao seminário, a Coface não mais aposta no comércio brasileiro, pelo menos a curto prazo. Acredita-se que a garantia Coface poderá estar presente em alguns poucos grandes contratos, projetos de grande interesse da França, caso do satélite ou um eventual contrato para a venda de aviões Airbus, mas ela não será um instrumento normal das relações comerciais entre os dois países. Um dos conferencistas deixou claro que não haverá reabertura, a curto e médio prazos, para operações correntes como importação de maquinária pela indústria privada.

Entre os participantes encontravam-se Gilles Baddin, responsável pelo setor América Latina da direção das relações internacionais do Ministério de Finanças da França, e Jacques Lajugie, atual conselheiro comercial da embaixada francesa em Brasília. As críticas em relação à posição brasileira têm sido cada vez mais contundentes, muito diferenciada da posição do México, país mais uma vez citado pelos presentes como modelo de comportamento com seus credores.

Jacques de Lajugie chamou a atenção para o problema interno do Brasil, acreditando que hoje em dia a questão da dívida interna é mais importante do que a da dívida externa, convencido que o problema é também mais financeiro do que econômico. O representante do Unibanco em Paris, Jean Soublin, tratou de problemas relativos ao funcionamento do mercado monetário brasileiro.

Reali Jr., de Paris